

Antigas viagens em odisseias contemporâneas: A longa viagem dos conceitos de mito e história entre o passado e o futuro

Leidiane dos Santos Almeida* (PQ), Juliano de Almeida Pirajá (PQ)

leidienes@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás, Av. Universitária, S/N – Setor Nordeste, Formosa – Go, 73807-250

Resumo: Este trabalho tem como objetivo dialogar com questões muito valiosas para os estudos históricos, principalmente acerca dos limites da história e do seu possível contato com a ficção, para que por meio disso possamos perceber que as fontes fictícias auxiliam grandemente os estudos históricos, pois as mesmas referem-se ao seu momento de criação e são reflexos dele. Todo escritor é marcado por seu espaço social, por sua época e por sua subjetividade. Desse modo, vamos utilizar neste trabalho duas obras ficcionais, Odisseia de Homero e Ulisses de James Joyce, para compreender que os estudos que estão inseridos no campo da ficção auxiliam o ofício do historiador. A partir dessas duas obras fictícias, buscaremos informações para compreender a Grécia antiga e a modernidade. A obra Ulisses de Joyce serve para que possamos compreender que a Odisseia de Homero faz sentido ainda em nossos dias, além disso, convém para que percebamos as outras viagens que foram proporcionadas ao nome Ulisses ou Odisseu, herói homérico.

Palavras-chave: História. Ficção. Odisseia. Ulisses.

Introdução

Segundo José Carlos Reis, “a especificidade do conhecimento histórico são os homens e as sociedades humanas no tempo”¹. Para Edward Carr, “a História é um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre passado e presente”². E na perspectiva de José Mattoso “a História não é a comemoração do passado, mas uma forma de interpretar o presente.”³

De acordo com essas perspectivas, podemos perceber que a história é reescrita continuamente, pois é por meio do tempo presente que florescem novas reflexões acerca do passado, ou seja, é a partir do olhar lançado do presente em direção ao passado que é possível interpretar os fatos históricos e produzir a

¹ REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

² CARR, Edward H. **Que é História**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

³ MATTOSO, José. **A Escrita da História**. Editora Estampa, 1997.

História. As obras, sejam elas de História ou Ficção, são históricas, porquanto refletem o seu período de criação.

Neste trabalho será dialogado o fato de que o mito enquanto uma ficção tem uma importância muito grande, pois auxilia o ofício do historiador, nesse caso volto especificamente à Grécia Arcaica, na qual temos poucas fontes, e as utilizamos para que possamos preencher as lacunas históricas existentes, e o mito nos auxilia.

Além disso, não analisamos apenas o mito grego, utilizamos a fonte literária *Ulisses* para percebermos que o nome do herói grego teve outras viagens, não ficou restrito apenas ao mundo antigo, ele fez e continua fazendo sentido inclusive em nossos dias.

O objetivo deste texto é pensar acerca dos limites da História e do seu possível contato com a ficção. Nesse sentido buscaremos compreender em que medida o campo ficcional contribui para os estudos históricos, percebendo essa possibilidade a partir das contribuições das epopeias homéricas, em especial a *Odisseia*, além da obra *Ulisses*, de James Joyce. Ambas obras são concernentes ao campo ficcional e nos auxiliam a perceber as peculiaridades do mundo grego arcaico e do mundo moderno, além das percepções da figura do herói com as particularidades que caracterizam o que vem a ser heroicidade na antiguidade grega, com Odisseu, e na modernidade com Leopold Bloom.

Resultados e Discussão

O pretexto pela qual escolhemos obras ficcionais e historiográficas para produzirmos esta pesquisa gira em torno do nosso objetivo de mostrar que as fontes fictícias contribuem para a elaboração dos estudos no campo da História. Pois elas se apresentam como um manancial inesgotável de percepções acerca do momento na qual elas foram produzidas, elas são reflexos do momento em que seu criador as produziu.

Partindo dessa premissa podemos pensar a *Odisseia* e *Ulisses*, duas narrativas inseridas no campo da ficção, que contribuem para os estudos históricos, em especial para esta pesquisa. As principais fontes que nos apresentam figuras de heróis são as literárias e mitológicas. Ambas as ficções analisadas neste texto, nos ofertam a oportunidade de analisarmos a figura do herói, especificamente o grego

antigo e do moderno, a partir das transformações históricas pela qual essa figura vai passando de acordo com as mudanças temporais, sociais e ideológicas.

A epopeia *Odisseia* de Homero, nos apresenta o herói Odisseu que tem sua heroicidade validada e consolidada através de uma longa viagem em alto mar para retornar à sua casa em Ítaca, localidade na qual ele era rei, após a Guerra de Tróia. Durante o longo período de regresso a sua pátria, Ulisses vive uma intensa aventura entre ninfas, gigantes, sereias e deuses, o que acaba por transformar essa longa viagem numa eterna e difícil aventura, porém, o desejo de regressar a sua pátria nunca se perdia em sua memória, era sempre presente o anseio pelo regresso. “Ulisses não quer lembrar-se senão do dia do retorno. Em consequência, todas as etapas do périplo configuram ocasiões ou riscos de esquecê-lo.”⁴

Toda a aventura de Odisseu tinha como intuito principal o seu regresso. A heroicidade dele só é validada quando ele consegue cumprir o seu ciclo de aventuras, num oceano mítico, retornando assim à sua casa. É a viagem que transforma Odisseu num herói, podendo compreender assim a viagem como uma experiência heroica.

Antes da Odisséia, Ulisses não passa de um chefe aqueu, particularmente hábil em falar e enganar, mas é o retorno que faz dele o herói da resistência, o Polýtropos, conferindo-lhe um lugar excepcional, análogo ao que, na *Ilíada*, foi atribuído a Aquiles: pelos séculos dos séculos.⁵

Tal como a morte, que elevava o grego a herói, condição de Aquiles, por exemplo, é a viagem que torna Ulisses especial, que o transforma em herói. Ulisses é um herói do regresso que vence a morte e retorna a sua pátria, ele se fez herói em seu regresso.

Aquiles sim, privado do retorno, escapou do tempo: pode ser cantado para sempre como “o melhor dos aqueus”, o herói épico por excelência. Mas, para obter esse *kléos* imortal, teve de antes aceitar a morte. A oposição de Aquiles com Ulisses é também a de duas relações diferentes com o tempo: um consome-se e brilha para sempre no tempo épico, enquanto o outro descobre dolorosamente a historicidade e o que já se configura como o “tempo dos homens”.⁶

Ulisses venceu a morte, — diferente de Aquiles que morreu no campo de batalha renunciando o retorno e conquistou a glória eterna, sendo perpetuado na memória social— e conquista o *kléos* em seu retorno, ele foi caracterizado como o

⁴ HARTOG, François. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga**. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 27

⁵ Idem, *ibidem*. p. 26

⁶ Idem, *ibidem*. p. 28

herói da resistência e do regresso, que luta contra a morte no mar, pois se morresse dessa forma seria esquecido para sempre e perderia até o seu nome, esse era um tipo de morte abominável, sendo que,

[...] há muitas formas de morrer. O herói aceita morrer no combate, ultrapassar as portas do Hades e do esquecimento, contanto que obtenha, em troca, o *kléos*, que vivia pelo canto dos aedos e na memória social. Aquiles, escolhendo morrer diante de Tróia, renuncia ao retorno (*nóstos*) para os seus, mas ganha, ele sabe, uma “glória imperecível”. Ao contrário dessa morte heróica na primeira fila dos combatentes, a morte no mar é um horror completo, pois perde-se tudo, sem a menor contraparte: a vida, o retorno, mas também o renome e até o nome. Mais grave ainda, mesmo tendo-se perdido a vida, não se está verdadeiramente morto. Pois, enquanto não se recebem as honras fúnebres, a sombra erra “em vão diante morada do Hades de amplas portas”, sem ultrapassar o umbral.⁷

Por fim, Odisseu conquista o seu retorno, e ainda o seu *kléos*. Através dessa difícil e longa experiência, relatada na *Odisseia*, que é uma narrativa de viagem, a experiência do mesmo ficou eternizada na memória social. Muitas viagens posteriores foram metaforicamente caracterizadas de odisseias, essas retomadas metafóricas a Ulisses, permanecem e caracterizam essas ‘longas’ viagens, após as viagens de Ulisses e também de seu nome, percebemos que a sua experiência se tornou de certa forma um modelo, um exemplo de grandes viagens, na qual o mesmo passou a ser apropriado de diversas formas, e essas apropriações da viagem e do que representou a odisseia, podemos dizer que, serve de rememoração ativa do passado grego. O personagem Odisseu foi sendo retomado continuamente.

Ulisses de James Joyce é um importante romance do século XX, essa obra narra as aventuras dos personagens Leopold Bloom e Stephen Dedalus. O cenário é Dublin e tudo ocorre durante o dia 16 de junho de 1904. A narrativa da obra centra em torno de um dia de aventura da vida de Bloom e Dedalus. Narra-se um dia de vida “comum” de um homem moderno que sai de casa durante manhã e só retorna ao encontro de sua família no decorrer da noite. No entanto, engana-se quem pensa que essa é uma obra simples, pelo contrário, é bastante complexa, possui um amplo vocabulário com palavras que não são do conhecimento de todos. O enredo vai se tornando cada vez mais complicado e a cada momento tem-se uma reviravolta na história, questões novas surgem a todo momento, por vezes a obra se torna confusa.

⁷ Idem, *ibidem*. pp. 44-45

A sua caminhada se aproxima da do Odisseu homérico, pois ambos precisam vencer as adversidades que vão surgindo em seu caminho para que assim, no final da sua jornada, possam retornar aos seus lares, Odisseu demora quase 20 anos para retornar ao seu lar e Bloom regressa no final do seu dia, ambos no intuito de reencontrarem suas esposas.

Ulisses é uma obra fascinante, o autor consegue dialogar com várias problemáticas do mundo moderno e às vezes do mundo antigo especialmente o grego. Ele trata dos desejos e anseios que perpassam a modernidade. Trata de religiosidade, patriotismo, comportamento pessoal, descreve minuciosamente os locais na qual seus personagens passam.

O autor nos apresenta fragmentos de uma cultura popular por um lado, mas por outro ele nos trás autores consagrados do mundo erudito. Apresenta-nos as formas de comportamento e pensamento característicos da modernidade, mas nos faz sempre lembrar dos clássicos de diversas temporalidades, ele recorre à Homero, Ovídio, Dante, Rabelais, Cervantes, Shakespeare, Sterne, Swift, Goethe, Tolstói, Dostoiévski, desse modo sua obra se torna ainda mais fascinante. A obra é repleta de questões referentes à História, memória, religião, hábitos do homem moderno, as corridas rotinas em grandes cidades, trás desde assuntos corriqueiros do dia-a-dia até temas históricos de suma importância.

Ulisses de Joyce foi uma obra inspirada na *Odisseia* de Homero. Se por um lado é uma narrativa cômica, divertida, instigante, por outro lado é uma obra complexa e às vezes confusa por causa dos recursos explorados pelo autor, sejam eles recursos verbais exóticos ou de narrativa, pois ele vai inserindo questões inexploradas ainda a cada momento da trama. Essa obra consegue nos apresentar um retrato do que se convencionou a chamar de homem moderno, os personagens com seus fluxos de consciência e várias questões peculiares da modernidade. Desse modo, podemos pensar no que vem a ser herói para a antiguidade e para a modernidade, e nas variações sofridas por essa figura nesses dois períodos da História na qual nos propomos a analisar.

Herói é um ser especial e que se destaca entre os demais indivíduos, desde tempos imemoráveis ele sempre teve seu espaço, seja nos mitos, nas lendas, na literatura, no cinema ou até mesmo na vida real, no entanto existem vários conceitos que definem o que de fato vem a ser herói.

Friedrich Schiller acreditava que o herói encarna um ideal de perfeição moral e enobrecimento. (“Veredlung”). Thomas Carlyle via os heróis como modelos espirituais guiando a humanidade, e portanto merecedores do “culto do herói”. Joseph Campbell, em nossos dias, descreveu o herói de mil faces como capaz de “autoconquistada submissão” e pronto a dar a vida por alguma coisa maior do que ele mesmo. [...] Para Johan Huizinga, o herói era apenas um exemplo superior de homo ludens. [...] Sigmundo Freud, de maneira menos lúdica, embora também destacando a competição, ofereceu uma visão mais sombria. Em *Moisés e o Monoteísmo* definiu o herói como alguém que enfrenta o pai e “no fim suplanta-o vitorioso”, e ainda menos tranquilizadamente (a noção de parricídio não é nada edificante) como um homem que se rebela contra o pai e “mata-o de um modo ou de outro”. [...] Joseph Conrad [...] sugere que a “treva” é o domínio privilegiado da alma heróica. A finalidade entre o herói e as zonas obscuras tem sido expostas muitas vezes. Paul Valéry afirmou que tudo que é “nobre” ou “heróico” está forçosamente vinculado à obscuridade e ao mistério do incomensurável, ecoando a observação de Victor Hugo a respeito do obscurecimento legendário (“obscurcissement légendaire”) cerca a figura do herói.⁸

Baudelaire, é um ícone em se tratando da modernidade, foi poeta e crítico da arte, por sua vez diz que “o herói é o verdadeiro objeto da modernidade. Isso significa que, para viver a modernidade, é preciso uma constituição heróica”.⁹

A vida moderna é marcada por aventuras e horrores, ambiguidades e ironias, desorientação e desintegração, paradoxo e contradição, é uma vida que se desfaz em pedaços, e Bloom passa por essas questões características da modernidade. Marshall Berman logo na introdução de sua obra *Tudo que é sólido desmancha no ar : a aventura da modernidade*, afirma que,

ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promove aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor— mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém é uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente

⁸ BROMBERT, Victor H. **Em louvor de anti-heróis**. Tradução José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. pp. 18-19.

⁹ BENJAMIN, Walter. **Charles baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 73.

desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia.¹⁰

Desse modo, podemos perceber que a modernidade é marcada por uma profunda inconstância e contradição, ela é abalada por um turbilhão de sentimentos, emoções, experiências fluidas, rápidas mudanças e constante expansão que origina uma multiplicidade no público que gera uma multidão de fragmentos.

A modernidade é marcada por diversas transformações, a sociedade industrializada marca esse período. Foram feitas grandes descobertas no campo científico, o que vai acelerar inclusive o ritmo de vida das pessoas e a forma como elas vão representar, enxergar e se manifestarem no mundo. As cidades foram se transformando com o boom demográfico que influenciou o desenvolvimento urbano e as organizações sociais. Temos desse modo, novas paisagens, novas relações, as zonas industriais e as cidades se desenvolvem, e isso faz com que os modos de perceber e sentir o mundo entre em profunda transformação. Desse modo, predomina-se um caráter desorientado devido à fragmentação dos pensamentos, pois

No mundo moderno, todas as energias psíquicas têm que se concentrar na consciência imediata, para interceptar os choques da vida cotidiana, o que envolve o empobrecimento das outras instâncias, como a memória, e com isso o 'herói moderno' perde todo o contato com a tradição, transformando-se numa vítima da amnésia.¹¹

O homem moderno está envolvido por um pensamento de heroicidade, pois este homem é heroico, mesmo sem toda a armadura e parafernália que envolvem o herói tradicional, este é um herói. Marshall Berman¹² enfatiza que o herói moderno emerge em meio a um conflito que possui relação com a vida cotidiana do homem moderno, desse modo temos o político herói, o homem de negócios também se torna um herói. Ele afirma ainda que esse herói moderno não fica restrito a uma única classe social, a mais abastada, eles mergulham fundo na vida das pessoas comuns. E *Ulisses* de Joyce não esquece da importância do contato com a vida cotidiana das pessoas, inclusive as mais comuns.

¹⁰ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 24.

¹¹ ROUANET, S. **A razão nômade**: Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. p 64.

¹² BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 172

Essa temática referente ao herói é uma questão que ultrapassa gerações e se faz presente ainda hoje. Desde tempos antigos nas lendas e nos mitos dos nossos ancestrais já existiam referências a esses seres especiais e que se destacavam perante os demais, o que conhecemos hoje por *herói*. Os mitos gregos mais antigos já nos relatam sobre eles, sendo que o Odisseu e Aquiles, ambos homéricos, são referências de heróis da antiguidade que são amplamente conhecidos.

Sabemos que em cada momento surgem diferentes tipos de heróis, em cada época podemos ver surgir novos heróis que acabam se tornando ícones de cada temporalidade. O herói épico era guiado pelos deuses e sabiam onde queriam chegar para que a sua heroicidade fosse consolidada, já o herói moderno parece que esqueceu qual a sua verdadeira missão, ele vive em meio a um mundo tribulado e desconhecido com o intuito de descobrir qual é a sua verdadeira incumbência. Mas ainda assim o herói moderno é aquele que por mais que passe por infinitas adversidades ele sai vitorioso, independentemente de como, ele se destaca dos demais.

O herói não é uma figura que desde tempos imemoráveis permanece estagnado, mas ele vai sofrendo infinitas metamorfoses de acordo com o passar dos tempos. Cada período vai nos apresentando novas personalidades que vão sendo caracterizadas como heróis.

O herói moderno, diferentemente do herói antigo, possui uma dimensão puramente humana, na qual se destaca não pelas proezas heroicas, pelo contrário, ele vive em meio ao mundo estilhaçado, e está em busca de conhecer a si mesmo. É um ser individualizado, fragmentado, até mesmo por causa do meio em que vive, e assim podemos dizer que o herói moderno é o espelho do mundo na qual habita, sendo o mesmo fragmentado, frágil, e sem o que era indispensável ao herói antigo, a armadura. Com isso é necessário lembrar que de acordo com a mentalidade de cada época se tem distintas formas de percepção da figura do herói.

Assim, uma vez ressaltadas questões teóricas acerca da relação da história com a ficção utilizando os principais teóricos e estudiosos dessa temática, destacando a importância dos Annales para que fontes ficcionais passassem a ser estudadas e ocorresse o alargamento do conceito de fonte, questão muito cara à este texto, pois trabalhamos com fontes ficcionais, *Odisseia* e *Ulisses*, que dizem

muito acerca de seus períodos de criação e são fundamentais para os estudos históricos. Além disso, é relevante destacar a importância das obras homéricas ainda em nossos dias, para que possamos entender que a obra *Ulisses* de James Joyce é uma perpetuação da epopeia homérica *Odisseia*, o que comprova a eficácia das fontes fictícias como auxiliadoras dos estudos históricos.

Considerações Finais

Isto posto, fica evidente as contribuições das fontes ficcionais, em especial as fontes literárias e mitológicas, para os estudos históricos, pois elas dizem muito acerca de determinado momento da nossa história e, para que esse tipo de fonte contribua ainda mais ao fazer do historiador, ao analisar uma produção literária ou mitológica como fonte histórica, várias questões devem ser levadas em consideração, inclusive aquilo que não é evidenciado claramente na obra, como por exemplo, o contexto na qual a obra foi produzida, as ideologias e vivências do autor, o conjuntura social, político e econômico do momento de criação.

O mito e a literatura podem ser vistos como produtores e perpetuadores de memórias de determinados períodos históricos. A ficção é uma construção feita por sujeitos sociais que podem dizer muito acerca da mentalidade que é vivenciada em uma época. No que se refere a essa questão podemos dizer que as fontes ficcionais, se analisadas em todo o contexto histórico da qual ela é produto, poderá contribuir muito para os estudos históricos, pois uma obra só pode ser compreendida por completo se analisarmos qual é o seu contexto de criação, e é nessa conjuntura que encontramos o sentido oculto da obra, tanto literária como mítica. Essas obras podem ser consideradas como uma fonte importante e que diz muito sobre a história de determinado período pelo fato de que ele é confeccionado por sujeitos pensantes que são condicionados pelo momento de criação, por suas ideologias, visões de mundo, cultura, questões sociais e políticas que o cercam.

As obras de ficção viabilizam um trabalho próximo ao real no que tange aos interesses da sociedade contemporânea. A discussão da utilização de tais fontes torna-se relevante por visar interesse no que se refere à apropriação de determinadas ferramentas, como a memória, o passado e também o futuro. Seu uso vem crescendo progressivamente, independentemente dos gêneros, muitas são as

discussões que contribuem à história e que empregam em suas criações ferramentas caras ao historiador.

A partir da utilização do *Ulisses* e da *Odisseia*, pudemos comprovar que as fontes inseridas no campo da ficção auxiliam grandemente os estudos históricos. Por meio desse tipo de fonte temos a oportunidade de conhecer o seu momento de criação, as demandas sociais da época e a mentalidade imperante.

Agradecimentos

A Deus, todo o louvor, toda a honra e toda a glória.

Ao meu orientador, prof. Ms. Juliano de Almeida Pirajá, pela dedicação, amizade e profissionalismo, que sempre esteve presente durante todo o processo, dando-me apoio em tudo que sempre necessitei. Seu caráter e sua sensibilidade são exemplos raros em uma relação acadêmica.

A CAPES, pelo incentivo através da oportunidade concedida para a inserção em pesquisa científica.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Charles baudelaire um lírico no auge do capitalismo**.

Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BROMBERT, Victor H. **Em louvor de anti-heróis**. Tradução José Laurenio de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CARR, Edward H. **Que é História**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HARTOG, François. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Editora Saraiva, 2011.

JOYCE, James. **Ulisses**. tradução de Antônio Houaiss. 11º Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MATTOSO, José. **A Escrita da História**. Editora Estampa, 1997.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

ROUANET, S. **A razão nômade: Walter Benjamin e outros viajantes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.